



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM
GEOGRAFIA**

MARIA SINCREIDE DA SILVA

**RECONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS: EXPERIÊNCIA
DESENVOLVIDA EM ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE, PB**

**CAMPINA GRANDE – PB
2013**

MARIA SINCREIDE DA SILVA

**RECONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS: EXPERIÊNCIA
DESENVOLVIDA EM ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE, PB**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade de artigo apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Josandra Araújo Barreto de Melo**

**CAMPINA GRANDE – PB
2013**

S586r

Silva, Maria Sincride da.

Reconstrução dos conceitos geográficos [manuscrito]:
experiência desenvolvida em escola pública de Campina
Grande, PB. / Maria Sincride da Silva. – 2013.

28 f. : il. : color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de
Melo, Departamento de Geografia”.

1. Ensino de Geografia 2. Prática de Ensino 3.
Formação Docente I. Título.

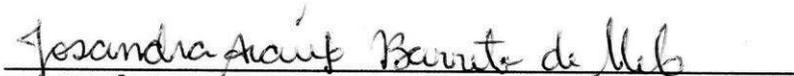
21. ed. CDD 372.89

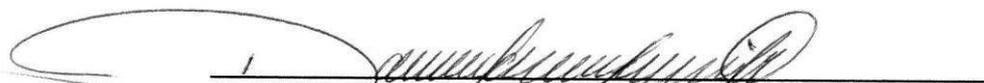
MARIA SINCREIDE DA SILVA

**RECONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS: EXPERIÊNCIA
DESENVOLVIDA EM ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE, PB**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade de artigo
apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do grau de Licenciado em
Geografia.

Aprovado em 28/08/2013.


Prof.^a. Dr.^a. Josandra Araújo Barreto de Melo / UEPB
Orientadora


Prof. Esp. Daniel Campos Martins / UEPB
Examinador


Prof.^a Ms. Marília M^a Quirino Ramos / UEPB
Examinadora

RECONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS: EXPERIÊNCIA DESENVOLVIDA EM ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE, PB

Maria Sincreide da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho é fruto de um projeto de extensão desenvolvido a partir dos conhecimentos adquiridos nos componentes Geomorfologia e Prática de Ensino, do curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Construído a partir de atividades que visam atender aos propósitos da instituição no que se refere à interação ensino-pesquisa-extensão, propondo aos alunos da Escola Normal de Campina Grande, futuros professores, a possibilidade de (re) construção dos conceitos geográficos, tais como bacia hidrográfica e Áreas de Proteção Permanentes a partir da união entre teoria, mediante a relação entre o conhecimento científico acumulado nas referidas áreas, apresentação de imagens do Google Earth, trabalho com carta topográfica de Campina Grande e a prática de observação de campo, vale resaltar que a parte teórica foi desenvolvida no LAEG e a parte prática efetuada na escola, sendo utilizado o método dialético, procurando analisar as contradições socioeconômicas presentes no recorte espacial delimitado para análise. A partir do estudo, foi possível contribuir no sentido de superar as dimensões equivocadas da Geografia escolar, construindo a base para a apreensão dos conceitos, categorias e princípios lógicos da Geografia, a partir da inserção significativa dos métodos e das técnicas de observação de campo.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Conceitos geográficos. Teoria e prática.

ABSTRACT

Reconstruction of geographical concepts: experience developed in public school in Campina Grande, PB

This work is the result of an extension project developed from the knowledge acquired in the components Geomorphology and Teaching Practice, Course of Geography at the State University of Paraíba. Constructed from activities that aim to meet the purposes of the institution with regard to the interaction teaching-research-extension, proposing the students of the Normal School of Campina Grande, future teachers, the possibility of (re) construction of geographical concepts, such as watershed and areas of Permanent Protection from the union between theory through the relationship between scientific knowledge accumulated in these areas, displaying images of Google Earth, working with topographic map of Campina Grande

Acadêmica do curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba; e-mail: sincleidesilva@gmail.com

and practice field observation, it is worth resaltar the theoretical part was developed in laeg and practical exercises performed in school, being used the dialectical method, trying to analyze the socioeconomic contradictions present in the spatial area delimited for analysis. From the study, it could contribute to overcome the misleading dimensions of school Geography, building the basis for the seizure of concepts, categories and logical principles of geography, from the insertion of the significant methods and techniques of field observation.

Key-words: Teaching Geography. Geographic Concepts. Theory and Practice.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Carvalho (2004), a realidade atual passa por transformações e, a partir do entendimento das forças que estão eclodindo para criar o novo, é que se pode alcançar uma maior compreensão da crise que se coloca. Nesse contexto, a escola se constitui no ambiente propício para discutir e incorporar criticamente essas transformações, uma vez que a educação faz-se indispensável ao desenvolvimento de qualquer povo e o processo de formação deve ser integral e voltado para solucionar os problemas enfrentados no cotidiano.

Neste sentido, a Geografia exerce um papel essencial na escola, visto que possibilita aos alunos construir um olhar crítico acerca do mundo, já que seu objeto de estudo são as relações sociais que se processam no espaço geográfico, tanto em âmbito local, regional, nacional, como global. Deste modo, as práticas educacionais necessitam também se adequarem e fundamentarem na internacionalização desse contexto multiescalar, que alcançou um alto nível de inter-relação com os elementos do cotidiano. Também não há mais como o sistema educacional cumprir o seu papel, se ficar alheio às transformações atuais.

Por outro lado, é notório que os estudantes não têm uma ampla visão do papel da Geografia escolar, tendo em vista as práticas de ensino desta disciplina que, desde sua institucionalização, continuam sendo descritivas e de memorização, sem promover a relação entre teoria e prática. Sem este elo teórico-prático, os alunos não percebem qual a serventia de tal componente curricular em suas vidas e, assim, o mesmo não é capaz de despertar interesse.

É amplamente discutido nas teorias da Geografia escolar que, a partir da interação entre teoria e prática, podem-se desmistificar as dimensões equivocadas que foram

construídas ao longo do tempo sobre a Geografia escolar, sendo reconstruída a base para apreensão dos conceitos, categorias e princípios lógicos da Geografia, por meio da inserção significativa dos métodos e técnicas de observação de campo.

A partir deste entendimento, foi aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba e executado por docentes e alunas do Departamento de Geografia da instituição um projeto de extensão denominado “Reconstrução do saber e discussão de conceitos geográficos na área da bacia hidrográfica do riacho do Prado, Campina Grande, PB”, procurando incentivar a construção dos conceitos da Geografia a partir da contextualização com o cotidiano das alunas, atividades cartográficas e vivência de campo.

Este projeto foi desenvolvido no âmbito da Escola Normal Estadual Pe. Emídio Viana Correia, localizada na cidade Campina Grande, que tem a incumbência de formar professores para atuarem na primeira fase do ensino fundamental. Devido a esta peculiaridade da Escola Normal e da importância desempenhada pela Geografia na primeira fase do ensino, que é possibilitar a construção dos conceitos fundamentais para a compreensão do espaço geográfico, além da alfabetização cartográfica e de lateralidade, se decidiu executar tal projeto em tal instituição.

Para a efetivação da presente proposta contamos com alguns passos: seleção de uma bibliografia básica, da documentação cartográfica e da utilização de imagens do território, captadas através das novas tecnologias, acompanhado do trabalho de observação de campo, fazendo uso do método dialético, procurando analisar as contradições socioeconômicas presentes no recorte espacial delimitado para análise, criando a oportunidade de unir teoria e prática.

A partir do exposto, o presente artigo objetiva fazer uma retrospectiva de como vem se desenvolvendo o ensino de Geografia, ao longo do tempo, discutir suas potencialidades e, como meta principal, relatar a experiência desenvolvida no projeto de extensão acima caracterizado.

2. PANORAMA DE ENSINO DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE

A Geografia desde a Antiguidade, segundo Ponstuschka (2008), percorreu vários caminhos até que fosse institucionalizada como ciência, o que só veio a acontecer a

partir do século XIX, por intermédio de nomes como Karl Ritter e Alexandre Von Humboldt, considerados “os pais da Geografia”.

No que concerne à Geografia escolar brasileira, durante todo o período anterior a década de 1930, foi submetida à atuação de profissionais das mais distintas áreas do conhecimento, em virtude de não haver ainda um curso superior nesta área. Esta invasão de profissionais de outras formações era justificada pela natureza da Geografia, que acabava por permitir livremente a manipulação dos conteúdos abordados, a partir de técnicas de leitura e memorização, de maneira direcionada aos interesses de uma minoria da população.

Como reflexo desse tipo de prática, desde o início, o ensino de Geografia foi considerado alheio à realidade dos alunos e, por certos períodos e em decorrência de contextos sócio-políticos específicos, utilizado como instrumento de articulação por parte de certas classes sociais, em detrimento da formação da população em geral, conforme citação seguinte:

No bojo dos movimentos de independência (1822), de proclamação da república (1889) e de libertação dos escravos (1888) todo um novo contexto histórico se configura no país. Uma série de movimentos intelectuais passa a compor o debate acerca do papel da educação na formação da nação brasileira. Nesse contexto, a escola e, mais especificamente, o ensino de Geografia e História tornam-se essenciais á difusão das ideias patrióticas (REGO et al, 2011, p. 18).

Muitas foram as ascensões e regressos da Geografia, desde que foi oficializada como disciplina escolar; ora sendo ministrada por profissionais que não pertenciam à área, ora compartilhando uma formação polivalente, ou seja, conjunta com a disciplina de História. Segundo Cavalcanti (1998), por ser considerada uma ciência social, o que se pode afirmar, certamente, é que há a necessidade constante de reformulação e utilização de “novas ferramentas” teóricas capazes de acompanhar as transformações atuais, que colocam a sociedade diante de um espaço complexo a ser compreendido.

Para conseguir acompanhar essas mudanças, existe a necessidade de superar as técnicas próprias do método tradicional de ensino, que continuam utilizadas por muitos profissionais. Estes, por sua vez, muitas vezes, apresentam resistência em relação às propostas de ruptura com tais práticas, que se perpetuaram ao longo do tempo.

A busca pela efetivação de um processo de ensino que estimule a crítica dos alunos em relação aos acontecimentos a sua volta e não faça da Geografia, de acordo

com Fernandes (2003, p. 17), apenas “[...] um desses negócios chatos que inventaram para ser a palmatória intelectual das crianças”, pois se sabe que “não dá prazer nenhum brincar de ser recipiente de nomes difíceis e ainda ter que repetir tudo certinho na hora das provas”, se mostra como o principal desafio dos professores que almejam desvincular a Geografia dos estereótipos a ela impostos, desde sua institucionalização nas escolas e universidades.

Segundo entendimento de Cavalcanti (1998), uma perspectiva de superação dessa realidade seria uma abordagem dos conteúdos de forma a estabelecer certa conexão com o espaço de vivência do aluno, bem como com o processo social no qual ele está inserido. Na realidade, esta opinião já é bastante conhecida, há bastante tempo, pois Delgado de Carvalho, por volta de 1920, já apontava a fuga de um conhecimento estático como o caminho a ser seguido para a superação das dificuldades enfrentadas pelo saber geográfico nas salas de aula. Desse modo,

...é mister gerar um esforço de traduzir pedagogicamente as novas propostas e os novos discursos desenvolvidos pela Geografia [...] aproximar teoria e prática no plano do ensino de Geografia, estimulando uma reflexão pedagógica que assimile os avanços teóricos da Geografia nas últimas décadas (MORAES, 1989 apud CAVALCANTI, 1998, p. 21).

Todavia, para que esse panorama do ensino geográfico venha a se modificar efetivamente o primeiro passo é que os profissionais se proponham a tal transformação, que as universidades se aproximem ainda mais dos que mediam esse conhecimento nas escolas para que não reste dúvida quanto ao real objetivo da Geografia: compreender o espaço e o homem dentro de uma perspectiva dialética, atentando não tão somente para o espaço, mas para a espacialidade uma vez que,

Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes; de pensar os fatos e acontecimentos mediante várias explicações, dependendo da conjugação desses determinantes, entre os quais se encontra o espacial (CAVALCANTI, 1998, p.24).

O ideal seria que os métodos de transposição didática percebessem o aluno enquanto sujeito do processo ensino-aprendizagem e que os conteúdos selecionados fossem realmente relevantes e significativos, além de abordados de forma simples e compreensível. Sendo assim, os questionamentos ainda persistem: será que as reflexões

empreendidas acerca da relação conteúdo-método apresentam resultados nas salas de aula?

Atualmente, a realidade observada é que conceitos considerados fundamentais para o desenvolvimento de um raciocínio geográfico, tais como paisagem, região, espaço, território e lugar ainda são trabalhados de maneira bastante ineficaz, pois grande parte dos profissionais não consegue ultrapassar as práticas enraizadas no ambiente escolar, fato que faz com que os problemas e questionamentos do como ensinar Geografia permaneçam.

Logo, tem-se que o ensino de Geografia é alvo constante de discussões teóricas, porém na prática não são visíveis grandes transformações nas salas de aula, mas certa estagnação metodológica que continua a distanciar professor e aluno, na qual este último não é incentivado a questionar aquilo que “aprende” na escola. O panorama do ensino da Geografia na atualidade tem mostrado a Geografia, nesse sentido, como uma disciplina dogmática, quase religiosa, o que continua a tornar seus conhecimentos desinteressantes para os alunos.

3. POR UMA GEOGRAFIA DE MAIOR SIGNIFICÂNCIA PARA OS ALUNOS

A trajetória da Geografia como disciplina escolar é marcada por inúmeros impasses no que se refere a sua afirmação no espaço escolar e, principalmente, pela contestação de sua importância na formação social e profissional dos alunos. Sua rotulação como uma disciplina meramente teórica, descritiva e desassociada da realidade é uma prática cada vez comum no convívio do ambiente escolar.

Porém, pensar que a Geografia está sendo considerada inútil e sem importância é, acima de tudo, contraditório e preocupante, tendo em vista que seu objeto de estudo - o espaço geográfico, o produto e condicionante das ações antrópicas - corresponde ao palco interativo da vivência do aluno e de suas relações sociais, culturais e econômicas.

Contudo, tal constatação é compreensível dado o conjunto de fatores que imprimem suas marcas no ensino da Geografia escolar. Dentre os quais, ressaltam-se as controvérsias acerca de seu objeto de estudo ser este “produto pronto”, que sua leitura teórica sugere, estando envolto a grande complexidade. Ademais, é preciso

correlacionar a Geografia escolar as efervescentes discussões ideológicas acerca desta ciência, conforme observação seguinte:

O momento atual vivido pela Geografia é, portanto, um momento de embate teórico metodológico e prático realizado em três frentes: entre a “New Geography” e a “Geografia Tradicional” de um lado, entre a “Geografia Crítica” e a “Geografia Tradicional” de outro, e ainda, e cada vez mais intensamente entre a “New Geography” e a “Geografia Crítica” (OLIVEIRA, 2005, p. 27).

Esses embates ideológicos se materializam em uma Geografia fragmentada, repercutindo diretamente em seu ensino na escola. Desse modo, se propaga um saber dicotômico, quase sempre estereotipado. Segundo Oliveira (2005), hoje não há condições de afirmar a hegemonia desta ou daquela corrente. O fato é que cada uma traz consigo características do contexto histórico em que se estrutura, sendo perceptível que o processo evolutivo propôs repensar alguns paradigmas, ao mesmo tempo em que consolidou outros.

Não é objetivo aqui discutir os paradigmas ou correntes do pensamento geográfico, mas sim como eles influenciam o ensino, sobretudo no que concerne a Geografia Tradicional que influencia sobremaneira a Geografia escolar, fazendo-a tornar-se alvo de questionamentos quanto a sua significância para a vida dos alunos. Tal como se apresenta na escola, a Geografia, influenciada pelo método tradicional, foge da essência preestabelecida pelo estudo do espaço geográfico, que é o estudo do concreto, do real, do visível, conforme citação:

A Geografia escolar, apesar de uma predisposição aparente a tratar do mundo que nos rodeia, acabou se desenvolvendo no mesmo plano das outras disciplinas, um plano antes de tudo marcado pela abstração (BRABANT, 2005, p.15).

Nessa perspectiva tradicional, o ensino dos conceitos geográficos é influenciado pela abordagem teórica e abstrata a qual são submetidos. Eles são resultado de uma transposição didática agressiva, tanto por parte do professor como dos livros didáticos, onde se renega as intensas discussões travadas nas universidades, aderindo-se às práticas descritivas em detrimento dos atos de explicar, correlacionar.

Em contrapartida, tem-se no pensamento crítico uma possibilidade coerente para a renovação do ensino de Geografia, na qual se percebe a necessidade de dinamizar o seu conhecimento na escola, objetivando a reconstrução dos conceitos dentro de uma

disciplina aberta para a realidade. Nessa perspectiva, o professor precisa ser autônomo do livro didático, atuando como articulador do conhecimento científico e do conhecimento informal.

Defender uma orientação crítica na escola é aceitar que o mundo mudou, é assumir que a Geografia precisa ser pensada de acordo com essas mudanças. Entretanto, parte-se da concepção de que abolir a orientação tradicional no ensino não é uma tarefa das mais fáceis. A escola por si só é uma instituição tradicional, alicerçada em preceitos arcaicos. Além do mais, é preciso ressaltar que boa parte dos profissionais em exercício se abasteceram de paradigmas tradicionais, não conhecendo os novos rumos da Geografia. Para Oliveira (2005), pode estar havendo uma confusão entre a maioria dos professores, que podem estar imersos em uma discussão da qual não participam.

O que se pode sugerir a partir da experiência vivenciada na Escola Normal de Campina Grande é a inserção cada vez maior dos professores nos debates ideológicos acerca da Geografia, principalmente aqueles que se encontram afastados das discussões realizadas nas universidades. Acredita-se que ampliando suas concepções eles poderão ensinar uma Geografia dinâmica e condizente com a realidade.

Logo, a proposta seria a construção de conceitos geográficos com base na associação do conhecimento teórico com o do lugar de vivência, uma vez que não é possível ensinar Geografia desmaterializando o concreto, mas sim materializando os conceitos a fim de que eles sejam identificados e compreendidos pelos alunos, através de sua vivência no espaço.

4. A AÇÃO EMPREENDIDA NA ESCOLA NORMAL ESTADUAL PADRE EMÍDIO VIANA CORREIA, CAMPINA GRANDE, PB

4.1. Localização e caracterização da escola

A Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia localiza-se na Avenida Prefeito Severino Cabral, Catolé, Campina Grande, PB, sob coordenadas geográficas 7°13'49.79"S e 35°52'23.30" W, conforme Figura 01, que, além de apresentar a localização da escola no contexto da cidade, também representam o bairro do Catolé, local de estudo de campo na ação empreendida.

A fundação da Escola Normal é datada do dia 08 de Abril de 1960, durante a gestão do Governador José Fernandes de Lima. Na época em que foi criada, chamava-se apenas Escola Normal Estadual, e contava com duas salas, nas quais uma servia de diretoria, secretaria e arquivo e a outra comportava vinte e cinco discentes.

Posteriormente, em 1981, passou a se chamar de Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, constituída de nove salas de aulas, secretaria, direção, sala de professores, sala de atendimento ao aluno, sala onde funciona o projeto de “Proformação”, cozinha e cantina.

A referida escola recebe alunos de todo o “Compartimento da Borborema²”, em virtude das modalidades de formação por ela oferecidas, Formação de Professores para atuação na primeira fase do Ensino Fundamental e o Curso Técnico em Eventos.

Nesse sentido como afirma Beléns (2009) nos primeiros anos do século XX, o magistério era a única alternativa profissionalizante para as mulheres, além da enfermagem. Assim, cria-se a representação da importância da instrução das moças das elites e da classe média para melhor orientar seus filhos e acompanhar os seus maridos.

A fundamentação da preparação no magistério se dava por ser uma profissão que garantiria a sobrevivência e a aceitação social. Todas estas moças tinham em comum a representação de tornarem-se mulheres instruídas para a organização de uma família bem estruturada, assim como para contribuição da nação com a formação de futuros bons cidadãos. Até hoje, esta cultura se dissemina, o que foi visto no perfil das turmas onde foi desenvolvida a ação – 1º D e 1º E, ambas do turno da tarde.

A proposta, dessa forma, trata da possibilidade de formação de agentes disseminadores das técnicas de ensino-aprendizagem, possíveis de serem vivenciadas, especificamente, nos locais mais indicados para tal fim, as salas de aulas, visto que muitos já exercem a docência e outros se encontram na iminência de se tornarem professores.

2. De acordo com a Embrapa (2013) o Compartimento da Borborema abrange 79 municípios, (Campina Grande, Caturité, Alcantil, Boqueirão, Montadas, Esperança, Fagundes, Lagoa Seca, dentre outros municípios) o que corresponde a 44% do território paraibano. Com topografia suavemente ondulada, possui altitude variando de 500 a 600 metros acima do nível médio do mar, além de tipo climático AS² - quente e úmido.

Figura 01: Localização da área de estudo (Bairro Catolé, ressaltando a Escola Normal)



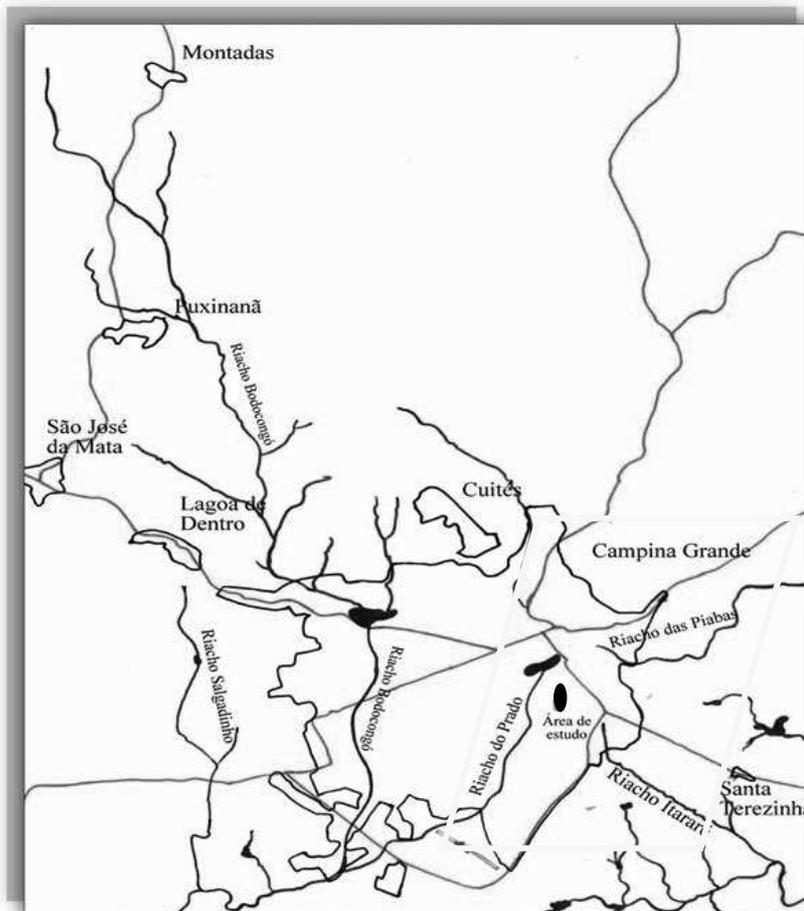
Fonte: Secretaria Municipal de Campina Grande, adaptada por Maria Sincride da Silva

4.2. Descrição da ação empreendida

As ações para a efetivação do projeto foram desenvolvidas junto ao Laboratório de Estudos Geográficos - LAEG, no CEDUC I, onde os proponentes planejaram as atividades posteriormente desenvolvidas na execução do projeto que ocorreu na Escola Normal Estadual Pe. Emídio Viana Correia, junto a alunos e professores.

As ações na instituição em estudo, contaram com a colaboração da Professora Madalena Vieira Paiva cedendo, espaço e o tempo de vinte horas/aulas nos 1^{os} anos do Ensino Médio “D” e “E”, pertencentes ao turno da Tarde, (vale resaltar que o critério utilizado para escolha de tais turmas foi o critério aleatório) entre os meses de outubro, novembro e dezembro de 2011, oportunidade em que foram feitas explanações teóricas sobre o projeto e seus objetivos, trabalho com material cartográfico e interpretação de informações geográficas em imagens de satélite e trabalho de campo no âmbito da bacia do Riacho do Prado (Figura 02).

Figura 02: Campina Grande e suas bacias hidrográficas.



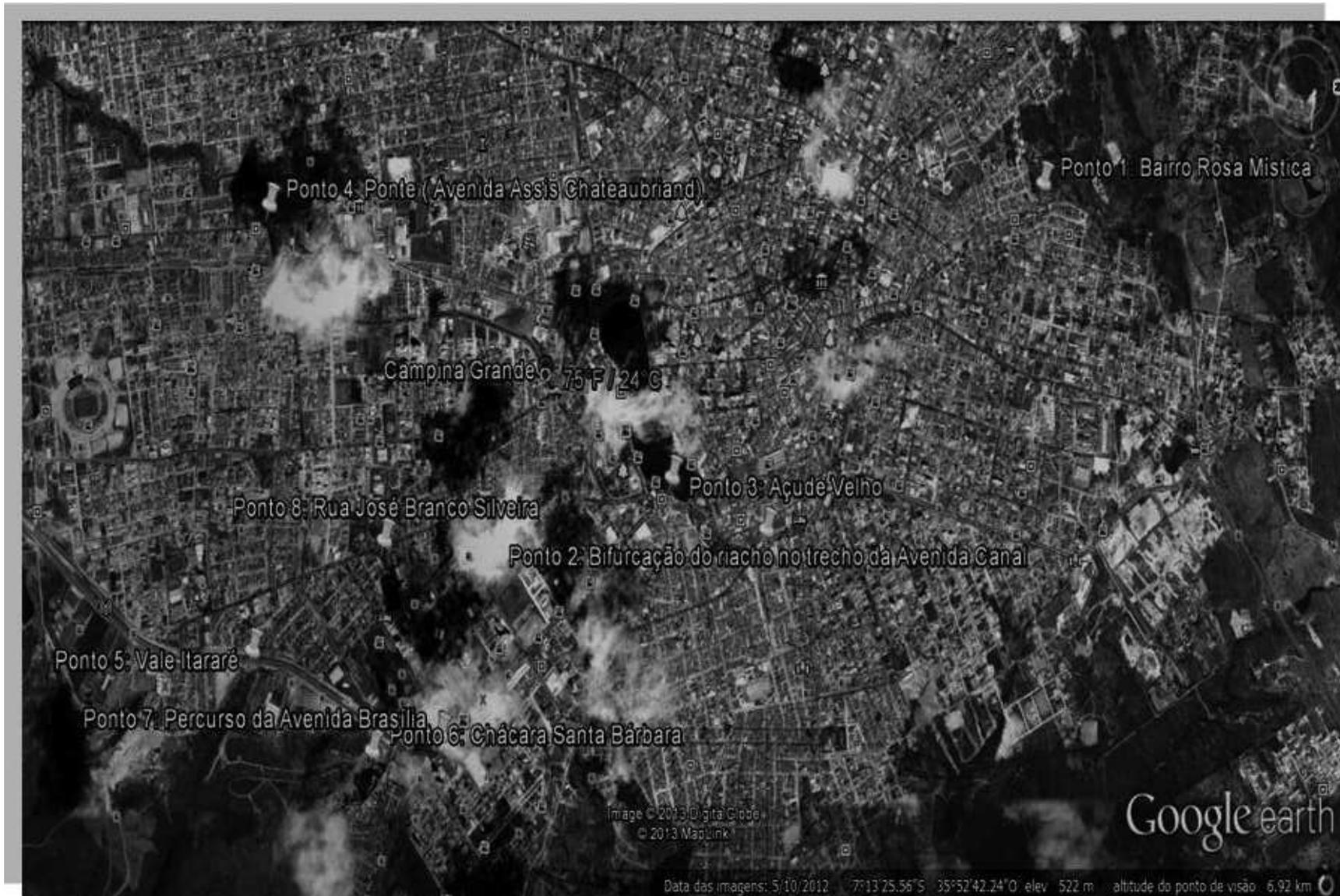
Fonte: Sudene (1999), adaptada por Maria Sincreide da Silva

Dando sequência as atividades, foi realizada aula de campo, tendo em vista sua importância no ensino/aprendizado onde foi construído um roteiro (Figura 03) de forma a contemplar os pontos mais importantes da bacia, procurando discutir sua lógica de ocupação.

Na oportunidade, foram demarcados na carta topográfica de Campina Grande os seguintes pontos que foram visitados e analisados:

- Ponto 1: Bairro Rosa Mística, onde foi observado o princípio da canalização do Riacho da Depuradora, nomenclatura atual do Riacho do Prado; Na oportunidade, foi analisada a lógica de ocupação do espaço, em que as pessoas menos favorecidas são forçadas a ocupar os locais mais impróprios para habitação nas cidades.
- Ponto 2: Bifurcação do riacho no trecho da Avenida Canal. Nesta etapa, foram discutidos aspectos do planejamento urbano da cidade de Campina Grande, sobretudo relacionado ao cartão postal da cidade “O Açude Velho” no local a bifurcação do canal das Piabas, que vai alimentar o Riacho do mesmo nome permite que a água advinda do Riacho da Depuradora que se depositaria no Açude Velho seja desviada evitando o transbordamento do Açude durante o período de ocorrência das precipitações mais elevadas.
- Ponto 3: Açude Velho. Neste ponto, foram analisados os locais de entrada de água do açude e observados aspectos de sua sangria, que alimenta o chamado Canal do Prado.
- Ponto 4: Ponte (Avenida Assis Chateaubriand). Este ponto marca o final da urbanização das margens do Canal do Prado. Até recentemente, a ocupação à jusante deste ponto tinha funcionalidades variadas e pouco relacionadas aos ditames do mercado imobiliário local, indo desde currais de criação de gado, áreas destinadas as sucatas do Distrito dos Mecânicos, terrenos baldios, dentre outras, entretanto, no momento, está cedendo lugar as construções destinadas ao público do Programa “Minha Casa Minha Vida”.

Figura 03: Roteiro da aula de campo



Fonte: Google Earth (2010), adaptada por Maria Sincreide da Silva

- Ponto 5: Vale Itararé. Neste ponto, foi feito um resgate dos conceitos da Geografia Física, ressaltando os vales e encostas e seus formatos e origem, bem como discutida a lógica que está promovendo a degradação do vale, que corresponde a uma singularidade da Geografia da cidade de Campina Grande.
- Ponto 6: Chácara Santa Bárbara: A visita a este ponto possibilitou aos formandos visualizarem a artificialização de uma área de nascente, e a interceptação do canal fluvial agora atravessado por uma via urbana e o conseqüente desaparecimento do canal natural..
- Ponto 7: Percurso da Avenida Brasília: Oportunidade em que foram identificadas na Carta Topográfica de Campina Grande as áreas úmidas que deveriam estar protegidas, e que vêm sendo sistematicamente aterradas e construídas a partir da lógica do mercado imobiliário.
- Ponto 8: Rua José Branco Silveira, antigo Caquiado, área úmida localizada por trás da Escola Estadual de Ensino Médio Hortênsio Ribeiro – PREMEN. No local, foram discutidos aspectos da rede de drenagem local, visualizadas as áreas úmidas e a lógica de sua ocupação imobiliária, ocupada, sobretudo por condomínios destinados às pessoas de considerável poder aquisitivo.

A realização do Projeto de Extensão Reconstrução do Saber e Discussão de Conceitos Geográficos na Área da Bacia Hidrográfica do Riacho do Prado - Campina Grande - PB, buscou proporcionar aos futuros formandos maior aproximação com a realidade, distanciando os conteúdos ministrados em sala de aula da abstração, frequentemente relacionada a esta disciplina.

Para viabilizar a proposta deste projeto, a ação empreendida de forma conjunta entre universidade e escola buscou trazer para o alunado os conhecimentos da Geografia Física e da Cartografia por meio de uma transposição didática que transferiu esses conteúdos da linguagem de nível superior para uma linguagem acessível ao ensino fundamental e médio no propósito de facilitar sua compreensão.

Considerando as dificuldades de leitura e interpretação de mapas e imagens, a equipe de extensionistas preparou conjuntamente com as professoras orientadoras do projeto, uma aula teórica utilizando, além do incentivo à participação, recursos didáticos (data show e Google Earth) e mapas abordando conceitos, como os de bacia

hidrográfica na perspectiva de unidade de planejamento e curvas de nível (Figura 04), a fim de que em momento posterior os alunos pudessem inter-relacionar os conhecimentos adquiridos com as situações locais a serem discutidas.

Figura 04 - Esquema ilustrativo da bacia hidrográfica – Material didático utilizado nas aulas teóricas.



Fonte: SUDENE (1983), adaptada por Maria Sincreide da Silva

Posteriormente, foi proporcionada aos educandos uma aula de campo, na própria cidade de Campina Grande, nos pontos precisos estudados em sala. Naquele momento, foi perceptível a ausência do hábito de inter-relacionar teoria e prática entre os alunos que, mesmo com um mapa em mãos, ainda demonstraram dificuldade em localizar os pontos estudados.

Os problemas decorrentes da inadequada expansão urbana também foram abordados veementemente durante a aula, motivados pelos reflexos sociais negativos que se expressam intensamente no espaço, a exemplo do Bairro da Rosa Mística, no qual locais que não deveriam estar ocupados abrigam centenas de famílias em situações

precárias de moradia situação que se impõe diante uma lógica imobiliária eminentemente capitalista (Figura 05).

Cenário que se opõe ao Bairro do Alto Branco (Figura 06), onde grandes prédios residenciais, hotéis e casas são construídos, atendendo às expectativas de um público mais selecionado, porém ignorando as questões ambientais, percebidas a partir da ocupação indevida de áreas de preservação, fato que também compromete a estrutura física das construções, além de causar transtornos nos períodos de chuva, visto que as águas se acumulam nas extensas áreas pavimentadas da cidade, não tendo para onde escoar.

Durante todo o percurso da aula, foram analisadas as questões discutidas em sala atentando, de maneira especial, para o conceito de bacia hidrográfica como uma unidade de planejamento capaz de evitar situações de inundação e alagamento de locais que deveriam ser preservados. Os alunos participaram ativamente da discussão se mostrando bastante interessados.

Ao fim das discussões e após a realização da aula de campo, dedicou-se um encontro para que se pudesse avaliar, conjuntamente com os futuros docentes das séries iniciais da Escola Normal, qual a relevância da realização desse projeto na escola. Para isso, foi aplicado um questionário com um total de 21 alunos, contendo questões que permitissem traçar o perfil não apenas dos resultados da ação empreendida, mas também dos próprios alunos.

A partir das respostas, constatou-se que todos os alunos são do sexo feminino, estão em uma faixa etária superior aos 20 anos e residem, em sua maioria, na cidade de Campina Grande e alguns poucos nas cidades circunvizinhas, como Lagoa Seca, Massaranduba e Queimadas. Quando indagadas se exercem alguma atividade profissional na área pedagógica, apenas sete das 21 alunas responderam já terem algum tipo de aproximação com seu futuro ambiente de trabalho, enquanto o restante disse não exercer atividade pedagógica alguma, se dedicando apenas ao curso.

Figura 05: Urbanização desordenada no bairro da Rosa Mística, início da canalização do riacho.



Fonte: Trabalho de campo (novembro de 2011)

Figura 06: Diferentes lógicas de ocupação da área de estudo.



Fonte: Trabalho de campo (novembro de 2011)

Uma vez que a principal proposta do projeto foi trabalhar os conceitos da Geografia Física e Cartografia, de forma prática promovendo a construção/reconstrução dos conceitos, as alunas foram questionadas em relação a sua facilidade ou dificuldade na leitura e interpretação de mapas. As respostas variaram, no entanto, predomina a dificuldade em lidar com esse instrumento da ciência geográfica:

“Eu tenho dificuldade, pois a carência já vem dos anos anteriores, que não tive acesso a mapas” (Resposta anônima).

“Dificuldade, não entendo o funcionamento dos mapas, e nunca estudei tão profundamente a localização dos lugares com mapas como nesse projeto” (Resposta anônima).

Essas afirmações mostram a realidade de um ensino de Geografia que precisa envolver todos os âmbitos desta ciência. As questões relativas à leitura não apenas de mapas, mas de imagens diversas e gráficos ainda se mostram deficientes na prática pedagógica de muitos professores que permanecem presos a metodologias tradicionais, causando verdadeiros entraves no ensino, impossibilitando que se supere a problemática de “como” ensinar Geografia. Todavia, após as discussões e explanações acerca dos conceitos cartográficos e com a orientação das integrantes do projeto, percebeu-se que muitas dúvidas foram sanadas e que quase todas as alunas conseguiram localizar no mapa lugares conhecidos por elas.

Nesse sentido, pode-se avaliar positivamente a ação empreendida, já que partindo dos encontros em sala e da aula extraclasse realizada, várias das alunas disseram ter se familiarizado um pouco mais com a carta topográfica e com seus elementos principais, rede de drenagem, curvas de nível, áreas de preservação permanentes (APPs):

“Sim, através da carta topográfica eu pude localizar dois locais conhecidos: a escola normal que fica aqui no Catolé e a escola Premem que também e no Catolé e através da carta topográfica podemos compreender e aprender a conhecer elementos locais que já foram drenados ou até mesmo área de encostas que deveria ser protegidas ou é o caso dos terrenos que deveriam ser do governo e alguns construindo no local” (Resposta anônima).

“Sim, pois a professora nos mostrou algumas das redes de drenagem da cidade, alguns rios, as curvas de nível, acima de 50, e as áreas que deveriam estar protegidas, e que na verdade estão ocupadas por prédios, e que quando chovem sempre ficam alagadas” (Resposta anônima).

“Sim, através da carta topográfica nós podemos compreender os elementos locais que já foram drenados e áreas de encostas que deveriam ser protegidas e não ocupadas” (Resposta anônima).

“Sim, nos mostrou a situação de como se encontra os locais invadidos pelo homem e de como futuramente pode ficar” (Resposta anônima).

A utilização de uma metodologia simples como a aula de campo, porém pouco explorada nas escolas, se mostrou bastante eficaz no sentido de promover a aproximação das alunas com a realidade minimizando a distância entre o que se estuda e

o que se vivencia. As respostas em relação a esta prática a colocaram como ponto muito positivo da disciplina:

“A aula de campo é muito melhor, pois estudamos e ao mesmo tempo observamos a natureza e o espaço em que vivemos já em sala de aula só estudamos o espaço que vivemos de forma abstrata” (Resposta anônima).

“Nos lugares que visitamos ficou visível a ocupação de pessoas em áreas de risco, com esgotos próximos das casas, o que traz bastantes problemas nos períodos de chuva, prédios que são construídos em áreas alagadas e podem ter sua estrutura comprometida” (Resposta anônima).

Diante das respostas obtidas, foi notória a mudança de pensamento com relação à Geografia. Muitas alunas melhoraram sua percepção acerca desta ciência, fato viabilizado pela realização do projeto:

“Nesse projeto podemos compreender como a Geografia nos ajuda a ver como nossa cidade é grande, o projeto também proporcionou através da aula de campo e da carta topográfica e ou mapas podemos por em prática em nossas aulas através da aula de campo” (Resposta anônima).

“Sim as aulas me mostraram como a Geografia é importante em nossas vidas, pois sem ela não podemos nos localizar. Eu particularmente vi a forma da Geografia ser ensinada de forma diferente” (Resposta anônima).

Desse modo, a participação da universidade na escola, enquanto instituição acadêmica de grande relevância na sociedade mostrou-se de grande valia através da realização deste projeto, que proporcionou à comunidade a interação entre os componentes desses dois espaços destinados a difusão do conhecimento fazendo perceber que esta é uma troca contínua entre a sociedade como um todo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo, possibilitou aos alunos da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia de Campina Grande, futuros professores, a possibilidade de construção dos conceitos geográficos a partir da união teoria e prática, mediante a relação entre o conhecimento científico acumulado nas referidas áreas e a prática de observação de campo.

Faz necessário, portanto, proporcionar ao alunado a reflexão sobre as possibilidades de se trabalhar com a Cartografia e a Geografia Física, a partir da

categoria “lugar”, Além de contribuir para o fortalecimento da parceria entre a Universidade/Escola, bem como a troca de aprendizado entre a equipe de execução e a comunidade escolar.

Por fim, é preciso lutar contra as idéias de dimensões equivocadas da Geografia escolar, construindo a base para a apreensão dos conceitos, categorias e princípios lógicos da Geografia, a partir da inserção significativa dos métodos e das técnicas de observação de campo.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. de. Século de prática de Ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. V. 2. Porto Alegre: Penso, 2011.

ANDRADE, M. C. A institucionalização da geografia brasileira. In: _____. **Geografia: ciência da sociedade - uma introdução à análise do pensamento geográfico**. São Paulo, Editora Atlas, 1987.

BÉLENS, Jussara Natália Moreira. Meninas/mulheres x meninos homens: A representação do magistério em Campina Grande-pb. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/gt1/33.pdf>. Acesso em 18/06/2011.

BRABANT, J. M. Crise da Geografia, crise da Escola. In.: OLIVEIRA, A. U. de. **Para onde vai o ensino de Geografia?** . São Paulo: Contexto, 2005 (p. 15-23).

CARVALHO, M. I. **Fim de século: a escola e a Geografia**. 2. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004, 168 p.

CAVALCANTI, L. de S. Ciência Geográfica e Ensino de Geografia. In.: _____. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998 (p.15- 28).

CORRÊA, Antonio Carlos de Barros. Megageomorfologia e morfoestrutura do planalto da Borborema. **Revista do Instituto Geológico**, São Paulo. 2010.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Compartimento da Borborema. Disponível em: <http://snt.sede.embrapa.br/>. Acesso em Agosto de 2013.

FERNANDES, M. **Aula de Geografia**. Coleção Linguagem e Ensino. Campina Grande, Bagagem, 2003.

GOOGLE EARTH – Brasil, Paraíba, Campina Grande. Imagens de Abril de 2010. Disponível em: <http://earth.google.com/>. Acesso em: Julho de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Poços de Caldas - Paraíba. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso em: 05/04/2011.

KAERCHER, N. A. O Gato Comeu a Geografia Crítica? Alguns Obstáculos a Superar no Ensino- Aprendizagem de Geografia. In.: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002 (p. 221-230).

_____. **Geografia Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Penso, 2011 (p. 13- 30).

LACOSTE, Y. **A geografia - Isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. 4ª edição. Campinas, SP, Papirus, 1997.

OLIVEIRA, A. U. de (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo, Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Livia de. O Ensino/ Aprendizagem de Geografia nos Diferentes Níveis de Ensino. In.: PONTUSCHKA, Nidia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002 (p. 217-220).

PONTUSCHKA, N. N.: et al. A Geografia como ciência da sociedade e da natureza. In: _____. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez Editora, 2008, p. 35-56.

REGO, N. et al. **Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Penso, 2011, (p. 13- 30).

ROCHA, G. O. R. Breve história da formação do professor de Geografia no Brasil. **Revista terra livre**, n.15, 2000.

SUDENE, Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. **Carta Topográfica do Município de Campina Grande, PB (SB-25-Y-C-I)**, 1983. Escala 1:10.000.

VESENTINI, J. W. A formação do professor de Geografia: algumas reflexões. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de (Org). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 235-241.

Apêndice A: QUESTIONÁRIO APLICADO AS ALUNAS

01: Dados Pessoais:

Nome:

Gênero: () Masculino () Feminino

02: Local onde reside

() Campina Grande Bairro: () Outro município Qual?

03: Você já realiza alguma atribuição na área pedagógica?

Em caso de SIM responda:

04: Em qual atribuição:

() Professora regente

() Estagiara (o)

() Outros quais:

05: Em que município você leciona:

() Campina Grande em que bairro?

() Outro qual?

06: A escola localiza-se na

() Zona urbana () Zona rural

07: Você tem facilidade ou dificuldade para trabalhar com mapas? Explique

08: Você conseguiu localizar na carta topográfica trabalhada em sala de aula espaços de familiaridade?

() sim () Não

Quais?

09: A atividade com o auxílio da carta topográfica propiciou a compreensão dos principais elementos da mesma: rede de drenagem, curvas de nível, área que deveriam estar protegidas, de acordo com a lei? Explique.

10: O que você destaca como mais importante na experiência vivenciada nesta proposta?

11: A proposta provocou alguma modificação na forma como você compreende a Geografia?

Apêndice B: Roteiro de aula teórica cartográfica

Mapa Geológico:

- Rochas, granitos e gnaisses, pré-cambrianos;
- Rochas sedimentares, cretáceas.

Mapa dos Domínios Morfoclimáticos (Domínios de Natureza):

- Domínio da Caatinga
- Clima semi-árido. Predominância dos processos de intemperismo físico. Precipitação em torno de 600 mm.

Mapa do Relevo:

- Província e Planalto da Borborema.

Mapa de Campina Grande, de 1983.

- Curvas de nível: linha que une pontos da mesma altitude.

Apêndice C: Planejamento de aula teórica

Tema da aula: **Bacia hidrográfica do Riacho do Prado e transformações decorrentes da ação antrópica**

Objetivos: Compreender alguns conceitos da Geografia Física e da Cartografia a partir do estudo da Bacia do Riacho do Prado, Campina Grande, PB.

Justificativa: A necessidade de se trabalhar de forma concreta, a partir da união entre teoria e prática para uma maior compreensão de conceitos geográficos/cartográficos, de forma a promover a transposição didática dos conteúdos da Geografia Acadêmica para a Geografia Escolar.

Conteúdos:

- 1) O conceito de bacia hidrográfica e esquema que apresente sua representação cartográfica;
- 2) A bacia hidrográfica do Riacho do Prado: localização, características fisiográficas e socioeconômicas no contexto do espaço campinense;
- 3) Transformações no espaço da bacia decorrentes da ação antrópica, elencando as principais causas (ocupação de áreas inadequadas, pobreza e exclusão social x ocupação de áreas em função da lógica imobiliária e valorização do espaço urbano).

Metodologia:

- 1) Aula expositiva e dialogada;
- 2) Leitura e interpretação de mapas temáticos e imagens.

Recursos didáticos:

- 1) Data-show;
- 2) Cartas topográficas e mapas temáticos.
- 3) Internet com manipulação do software Google earth

Avaliação:

- 1) Envolvimento e participação da turma no decorrer da aula.